

Artigo Original

As Contribuições da Psicanálise para a Compreensão do Psiquismo Infantil

Juliana Pocaterria Kirch¹ e João Jorge Correa²

1. Graduada em Pedagogia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *Campus* de Foz do Iguaçu, PR. Pesquisadora no Grupo de Pesquisa Psicanálise e Educação.

2. Professor Associado no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *Campus* de Foz do Iguaçu, PR. Coordenador do Grupo de Pesquisa Psicanálise e Educação.

joaojorgecorrea@gmail.com

Palavras-chave

Pedagogia

Psicanálise

Psiquismo infantil

Resumo:

Este artigo foi desenvolvido a partir do projeto de iniciação científica e do grupo de pesquisa Psicanálise e Educação, ambos iniciados no primeiro semestre de 2014. O trabalho busca atender os objetivos relacionados, a partir da identificação, acesso e leitura de obras clássicas do pensamento freudiano que tenham lançado olhares teóricos sobre o tema em questão. Sua proposta foi pensada a partir do interesse pessoal em melhor compreender os conceitos centrais da psicanálise e como estes se apresentam na constituição do aparelho psíquico infantil. Também há a preocupação de agregar novos conhecimentos advindos do campo teórico psicanalítico à formação em Pedagogia para posteriormente, auxiliar na atuação em sala de aula como professora da Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Temos como objetivo descrever os conceitos fundamentais da Psicanálise a partir dos pressupostos teóricos de Sigmund Freud, bem como compreender a evolução conceitual no campo psicanalítico acerca do psiquismo infantil e analisar as principais características dos distúrbios psíquicos que podem afetar a infância, contribuindo dessa forma na reflexão sobre as relações que podem ser estabelecidas entre a Psicanálise e a Pedagogia a fim de compreender melhor o desenvolvimento psíquico infantil. Este trabalho é baseado em pesquisas bibliográficas e virtuais da Unioeste, de outras IES e de entidades de formação psicanalíticas. Neste sentido, os motores de busca nas bases de dados bibliográficos de artigos, livros, dissertações e teses passam pelos seguintes termos: psicanálise e infância; psiquismo infantil; distúrbios psíquicos na infância.

Artigo recebido em: 13.04.2015.

Aprovado para publicação em: 06.05.2015.

INTRODUÇÃO

A ideia presente neste texto é buscar por elementos teóricos que nos auxiliem a mostrar que a criança precisa aprender a lidar com os conflitos que surgirão durante sua vida a fim de que no futuro se constitua adulto capaz de lidar com os traumas e distúrbios psíquicos que por ventura venha a enfrentar.

Tendo a psicanálise como referência básica do fio condutor teórico é interessante destacar ao menos inicialmente o movimento executado por Sigmund Freud em seu “achado” médico e na sequência, o que veio a chamar de Psicanálise.

Após percurso de investigações e hipóteses médicas infrutíferas, Freud começa avançar na direção do desvendamento dos problemas desencadeados pela mente humana. E através da hipnose com pacientes histéricos descobriu a existência do inconsciente. Ao longo das consultas e observações percebeu que a histeria e outros distúrbios desencadeados na fase adulta poderiam ter origem na infância.

Porém, o foco da teoria freudiana sobre os traumas estava na descoberta da sexualidade infantil, de modo que ao discorrer sobre o desenvolvimento psicosssexual da criança identifica criteriosas fases que todas

elas teriam pela frente em seu amadurecimento: a fase oral, anal, fálica, período de latência e a fase genital (FREUD, 1996, vol. VII).

No entendimento freudiano se a passagem por essas fases não ocorrer de forma sadia pode desencadear neuroses e distúrbios psíquicos no decorrer da vida juvenil e adulta.

Sendo a preocupação de Freud confirmar suas hipóteses sobre a teoria da sexualidade infantil e sua relação com o funcionamento do psiquismo nesta etapa, em 1909 teve a oportunidade de acompanhar a primeira análise com criança que se tem notícia¹. Caso esse que ficou conhecido como “O pequeno Hans”: um garotinho de cinco anos que apresentava sinais de neurose e fobia por cavalos.

A exposição de Quinodoz (2007, p. 95) nos chama atenção para o fato de que o relato do caso “Hans” proporcionou a Freud uma “prova” da existência da sexualidade infantil.

Ao longo das observações construídas por Freud a partir do relato escrito paterno, Freud pôde perceber que o psiquismo infantil é diferente do adulto, porque a criança ainda não tem seu superego desenvolvido por completo, pois ele se desenvolve durante toda a infância. Na psicanálise, o superego é um mecanismo responsável por mostrar ao indivíduo o que é certo ou errado para uma boa convivência familiar e social (FREUD, 1996, vol. X).

Durante séculos o foco da psicanálise infantil era educar a criança, não havia nenhuma preocupação com seus sentimentos, pois se pensava que transmitindo valores morais e éticos era suficiente para que se tornasse um adulto do bem (COSTA, 2010, p. 13).

A partir das descobertas freudianas a psicanálise passa a olhar para a infância com outros olhos e começa a considerar que a criança também tem sentimentos que podem marcar e determinar seu futuro, tais como lembranças, desejos e fantasias (COSTA, 2010, p. 14).

Terezinha Costa em estudo sobre as posições teóricas de Melanie Klein aponta que esta buscando compreender o psiquismo infantil, em 1919 realiza sua primeira análise com crianças, tendo como paciente seu filho Erich, caso que a fez receber muitas críticas de outros psicanalistas “nesse caso, ela não havia levado em consideração a existência do inconsciente”. Todavia, Klein se defendia dizendo que “não o analisava, que apenas estava o educando na concepção psicanalítica” (COSTA, 2010, p. 29).

No início das análises com crianças Klein não obteve resultados positivos, pois realizava as análises através dos pais, incentivando-os a conversarem abertamente com os filhos sobre o que os atormentava. Sendo assim, por volta de 1923 aperfeiçoou seu método criando a ludo terapia, técnica que ajuda a criança expressar suas angústias por meio de desenhos, jogos, brinquedos e brincadeiras (COSTA, 2010, p. 30).

Os primeiros atendimentos infantis aconteciam na residência dos pacientes e eram utilizados seus próprios brinquedos, mas Melanie Klein percebeu que a família e o ambiente tinham forte influência sobre o processo de análise. Então, diante dessa situação a psicanalista passou a realizar as sessões em um consultório equipado e preparado para atender as necessidades da criança.

Conforme Cavalcanti (s.d.), Melanie Klein considerava o local onde é feita a análise infantil de suma importância no tratamento, pois como mencionado anteriormente, a criança transfere suas fantasias e ansiedades para as brincadeiras e o ambiente tem forte influência sobre sua imaginação. Desta forma, a criança não precisa falar para seu analista sobre seus sentimentos para ter seu inconsciente interpretado. O analista infantil precisa ter a sensibilidade de analisar a criança durante suas brincadeiras.

O ambiente descontraído na verdade era capaz de estimular a imaginação e a expressão das crianças. Nele, a criança tinha liberdade de usar os materiais, o espaço e até mesmo o analista da forma que desejasse. Klein acreditava que dividindo a sua ansiedade e depen-

dência, as crianças desenvolviam uma transferência rápida e intensa para com o analista. O profissional, por exemplo, poderia brincar de criança sapeca enquanto a criança representava o papel de um pai autoritário (CAVALCANTI, s.d., p. 26)

Assim como Freud, Klein também constatou com as análises que muitos dos comportamentos infantis podem refletir na personalidade adulta. Porém, diferente dele e de sua filha Anna Freud, ela acreditava que o bebê tem seu superego formado antes mesmo de passar pelo Complexo de Édipo².

Klein emprega uma abordagem interpretativa muito menos cautelosa do que Anna Fred, nomeando as angústias das crianças e trazendo à consciência suas fantasias edípicas. Isso porque supõe que o Supereu da criança se desenvolve antes da fase fálica sob a primazia dos impulsos pré-genitais. O que a análise com crianças mostra é que, já aos três anos de idade, a parte mais importante do desenvolvimento psíquico está completa (COSTA, 2010, p. 40).

Neste sentido, para que a criança se torne um adulto psicologicamente sadio é importante que seus pais já lhe transmitam muito amor e carinho antes mesmo do seu nascimento.

A partir de Freud outros estudiosos da área psicanalítica como Winnicott, Anna Freud e Melanie Klein passaram a se interessar pela infância e sobre os traumas e distúrbios vivenciados nessa fase da vida; e os problemas que podem acarretar ainda quando crianças e também na vida adulta. Esses transtornos não são, necessariamente, desencadeados por abusos sexuais ou físicos ocorridos em sua realidade infantil, mas sim no que a memória do indivíduo se apropria como real, pois conforme afirma Freud:

A característica mais estranha dos processos inconscientes (...), deve-se ao seu inteiro desprezo pelo teste de realidade; eles equiparam a realidade do pensamento com a realidade externa e os desejos com sua realização – com o fato -tal como acontece automaticamente sob o domínio do antigo princípio de prazer. Daí também a dificuldade de distinguir fantasias inconscientes de lembranças que se tornaram inconscientes (FREUD, 1996, p. 243).

Segundo Brenner (1975) na teoria psicanalítica não existe casualidades, as coisas acontecem porque desejamos ou temos a intenção que aconteça.

Charles Brenner (1975) discorre em seu livro *Noções Básicas de Psicanálise* acerca da teoria freudiana sobre o princípio do determinismo psíquico, na qual Freud afirma que nada na vida acontece por acaso, tudo é ocasionado por um desejo inconsciente de que o fato seja real, como por exemplo, os sonhos. Pois, para Freud através dos sonhos realizamos alguns desejos inconscientes.

(...). É bem conhecido, através de muitas fontes, como, por exemplo, os diários e os livros de bordo das primeiras expedições árticas, que os homens famintos comumente, ou pelo menos com muita frequência, sonham com os alimentos ou com o comer. Penso que podemos facilmente reconhecer que é a fome que provoca tais sonhos, e certamente os homens se dão conta bastante conscientemente de sua fome quando despertados. Mas, durante o sono, quando estão sonhando de se empanzinarem em banquetes, não estão conscientes da fome, mas apenas de um sonho de saciedade, de forma que podemos dizer que no momento em que o sonho se passava algo se produzia inconscientemente nas mentes dos sonhadores que provocava as imagens do sonho que era conscientemente experimentada (BRENNER, 1975, p. 26).

Foi estudando os fenômenos mentais inconscientes, que Freud descobriu que esses poderiam ser divididos em dois grupos: pré-consciente e inconsciente.

Para Brenner, seguindo a tópica freudiana

(...): o primeiro grupo compreendia pensamentos, lembranças, etc., que podiam facilmente se tornar conscientes por um esforço de atenção. Tais elementos psíquicos têm acesso fácil à consciência e Freud os chamou de “pré-conscientes”. (...). O grupo mais interessante dos fenômenos inconscientes, no entanto, compreendia aqueles elementos psíquicos que podiam se tornar conscientes a custo de considerável esforço. Em outras palavras, eles eram barrados da consciência por uma força considerável, que tinha de ser superada antes que eles pudessem tornar-se conscientes. É o que encontramos, por exemplo, no caso da amnésia histérica (BRENNER, 1975, p. 24).

Porém, tratando-se de situações reais Freud afirma que os conflitos que a criança enfrenta ou tenha enfrentado, causados pelo ego e que não foram totalmente resolvidos ficam armazenados em seu inconsciente, gerando crises existenciais, de ansiedade e de personalidade. Desta forma, no entendimento de Cunha:

O ego que significa literalmente “eu”, é o setor da personalidade especializado em manter contato com o ambiente que cerca o indivíduo. Ele é a porção visível de cada um de nós, convive segundo regras socialmente aceitas, sofre as pressões imediatas do meio e executa ações destinadas a equilibrar o convívio da pessoa com os que a cercam (CUNHA, 2008, p. 2).

Neste contexto, características como baixa autoestima, isolamento, timidez, agressividade ou autopunição são muitas vezes artificios utilizados como mecanismo de defesa do ego na tentativa de manter no inconsciente emoções, lembranças, afetos ou desejos prontos a entrarem em guerra com a visão que ele tem de si mesmo ou na sua relação com o mundo externo.

Na sociedade atual a estrutura familiar está ficando cada vez mais à deriva, pois é crescente o número de pais que entregam à escola a responsabilização total pelos seus filhos desde muito cedo, deixando-os muitas vezes em período integral na instituição e privando-os cada vez mais do convívio com a família. Isso ocorre por diversos fatores, entre eles, o pai e a mãe trabalham o dia todo; falta de um ente próximo que possa cuidá-los; pais divorciados ou viúvos; um dos pais trabalha em outra cidade, estado ou país e por isso tem pouco contato com o filho. (CAPPE, 1963).

Para algumas famílias a chegada de um filho é a esperança de um futuro promissor e feliz, passam todo o período da gestação escolhendo o nome, se preocupando se nascerá saudável e planejam até mesmo a vida profissional dessa criança; para outras é a frustração de ter que abandonar ou deixar de concluir algo que gosta de fazer para se dedicar a essa nova vida que está sendo gerada, não me refiro aqui a ausência de amor em relação aos filhos, mas sim a falta de planejamento dos pais para se ter um filho, fato que pode influenciar muito no tratamento e cuidado que ele receberá dos pais.

Porém, talvez esses pais não saibam que todos esses sentimentos são transmitidos para o bebê dentro do ventre materno e que durante a gravidez ele já consegue sentir se é querido ou não e conseqüentemente, tanto os sentimentos bons quanto ruins ficarão armazenados em seu inconsciente, determinando dessa forma num psiquismo sadio ou doentio. Assim sendo, o período da gestação é de forte influência na formação psíquica da criança.

O autor Andrew Salomon acredita que os pais buscam se enxergar nos filhos e sobre isso afirma:

(...). Nas fantasias subconscientes que fazem a concepção parecer tão sedutora, muitas vezes é nós mesmos a que gostaríamos de ver viver para sempre, e não alguém com uma personalidade própria. Tendo previsto a marcha para a frente de nossos genes egoístas, muitos de nós não estamos preparados para filhos que apresentam necessidades desconhecidas. (...). Contamos com a garantia de ver no rosto de nossos filhos que não vamos morrer. Filhos cuja característica definidora aniquila a fantasia da imortalidade são um insulto em particular: devemos amá-los por si mesmos, e não pelo melhor de nós mesmos neles, e isso é muito mais difícil de fazer. Amar nossos próprios filhos é um exercício para a imaginação (SALOMON, 2013, p. 11).

Entende-se que nessa busca dos pais em se enxergar no próprio filho, eles acabam admirando os que se assemelham a eles e criticando os que são diferentes, pois não aceitam o filho como ele de fato é. Sobre essas características de identidade, Salomon as classificam em duas: identidades verticais e identidades horizontais, e afirma:

Devido à transmissão de identidade de uma geração para a seguinte, a maioria dos filhos compartilha ao menos algumas características com os pais. São o que chamamos de identidades *verticais*. Atributos e valores são transmitidos de pai para filho através das gerações, não somente através de cadeia de DNA, mas também de normas culturais compartilhadas. A etnia, por exemplo, é uma identidade vertical. Muitas vezes, porém, alguém tem uma característica inata ou adquirida que é estranha a seus pais e, portanto, deve adquirir identidade de um grupo de iguais. É o que chamamos de identidade *horizontal*. As identidades horizontais podem refletir genes recessivos, mutações aleatórias, influências pré-natais, ou valores e preferências que uma criança não compartilha com seus progenitores, ser gay é uma identidade horizontal; a maioria das crianças gays tem pais heterossexuais e, embora sua sexualidade não seja determinada por seus iguais, elas aprendem a identidade gay observando e participando de uma subcultura fora da família (SALOMON, 2013, p. 12).

Sendo assim, em alguns casos os pais não conseguem aceitar o fato do filho ser diferente, pois entendem a identidade horizontal como sendo uma afronta e acabam o discriminando e tratando como um doente, desencadeando uma relação conturbada. Com base nessa concepção pode-se afirmar que é mais fácil para os pais aceitarem um filho com deficiência, do que um filho homossexual, por exemplo, mesmo que o filho sofra mais com a deficiência do que com sua opção sexual, pois grande parte da sociedade é preconceituosa e os pais das crianças com identidade horizontal muitas vezes são os primeiros a demonstrar o preconceito para os filhos.

Não obstante, é mais fácil para os pais tolerar as síndromes atribuídas à natureza do que aquelas consideradas resultado da criação, porque a culpa é menor no primeiro caso. Se seu filho tem ananismo acondroplásico, ninguém vai acusá-lo de mau comportamento por ter produzido uma criança assim. No entanto, o sucesso de um indivíduo em se adaptar ao próprio nanismo e valorizar sua vida pode depender em grande parte da criação (SALOMON, 2013, p. 35).

Essas ocorrências familiares dificultam o relacionamento entre pais e filhos, pois ambos não conseguem dialogar sobre os problemas vividos e os pais não compreendem os conflitos internos que podem ser causados nas crianças. Pois, a ausência afetiva no convívio familiar e a não aceitação do filho pelos pais podem resultar para a criança dificuldades de relacionamento e relações conturbadas também no ambiente escolar, tornando-a uma pessoa de difícil convívio com os demais colegas e professores.

Sendo assim, este contexto e ambiente se tornam propício para a criança manifestar angústias, tristezas, frustrações, traumas e neuroses de diversas ordens e matizes, e se não houver ajuda próxima pode levar a uma série de outros “adoecimentos” mais intensos e graves na juventude e na vida adulta, afetando todos que a cercam direta ou indiretamente, uma vez que, para o adulto ter uma saúde mental sadia ele precisa aprender a resolver os conflitos que aparecem ao longo de sua infância.

Com base nas leituras da obra “Qualidades e Defeitos das Crianças”, de Jeanne Cappe (1963) percebe-se que por diversas vezes, pai e mãe tentam substituir a carência e a ausência afetiva por bens materiais, comprando brinquedos caros e fazendo todas as vontades dos filhos no pouco tempo que estão em sua companhia. E ainda, temos pais que mentem um para o outro, brigam, se agridem e se insultam na frente dos filhos; instigam a inveja entre os irmãos elogiando um e criticando o outro; e não ouvem nem enxergam as verdadeiras necessidades das crianças, pois não percebem ou não querem perceber grandes problemas nisso. Geralmente, esses são os mesmos pais que não conseguem impor limites e regras aos filhos, deixando que as crianças decidam e dominem a autoridade domiciliar que não lhes compete, criando assim, um ambiente familiar desarmonioso, com crianças autoritárias, agressivas, invejosas, possessivas e acima de tudo, neuróticas.

Sendo assim, quem precisa de análise não são apenas os filhos, mas os pais também, porém o tratamento psicanalítico possibilita que a criança desenvolva recursos psíquicos para lidar melhor com as situações que se apresentam na sua vida e com isso a família toda se beneficia.

Todavia, quando a situação chega ao extremo e se torna insustentável esses pais se perguntam: Onde erramos? Porém, não se dão conta que são um espelho para os filhos. Se não proporcionam bons exemplos, como querem que as crianças assim o façam? Todo indivíduo é munido de defeitos e qualidades. As crianças precisam de exemplos e motivações diuturnamente. Porém, se os pais evidenciam mais os seus defeitos, os filhos acabam por assim fazê-lo também, então o erro não estaria na criança, mas sim no adulto que as educa.

A partir das leituras realizadas para a elaboração desse artigo, nota-se a grandeza e a importância de se conhecer o psiquismo infantil e como ele se manifesta através do comportamento humano, agregando à área da pedagogia um entendimento mais amplo sobre as questões que o cercam, possibilitando ao professor identificar alguns traumas, distinguir os problemas vividos realmente pela criança, dos que esta pensa que está vivendo e ajudar seu aluno a enfrentá-los sem grandes consequências, através de diálogo e encaminhando-o para profissionais capacitados na área psicanalítica, podendo assim, amenizar ou até mesmo evitar os traumas que isso venha a acarretar futuramente.

CONCLUSÃO

Sabemos que na escola diversos são os dilemas que surgem a partir das relações dos sujeitos ali presentes. Devemos levar em consideração que o professor, principalmente, da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I além de ensinar conteúdos científicos, também acaba exercendo muitas vezes o papel de pai/mãe, cuidador/a e educador/a, sendo responsável pela formação humana e até mesmo psíquica de seus alunos, pois esses passam por diversas vezes, mais tempo na escola do que em casa com a família.

Portanto, há a necessidade de a escola trabalhar em conjunto com a família para o professor se inteirar dos dilemas que de fato rodeiam o ambiente familiar da criança.

Desta forma, levando-se em consideração os aspectos observados para a elaboração desse artigo, nota-se a grandeza e a importância de se conhecer o psiquismo infantil e como ele se manifesta através do

comportamento humano, agregando à área da pedagogia um entendimento mais amplo sobre as questões que o cercam, possibilitando ao professor identificar alguns traumas, distinguir os problemas vividos realmente pela criança, dos que esta pensa que está vivendo e ajudar seu aluno a enfrentá-los sem grandes consequências, através de diálogo e encaminhando-o para profissionais capacitados na área psicanalítica, podendo assim, amenizar ou até mesmo evitar os traumas que isso venha a acarretar futuramente.

NOTAS

1. Em verdade Freud não fez a análise do menino e sim seu pai que remete àquele as suas anotações. Freud teve apenas um único e importante encontro com o pai da criança. Posteriormente publica o caso com a devida autorização familiar (QUINODOZ, 2007, p. 95).
2. Clássica teoria freudiana que se desenvolve na fase fálica, em torno dos três aos seis anos de idade, quando as crianças passam a ter inconscientemente desejo pelos pais. O menino deseja a mãe e sente ciúmes do pai por se relacionar com ela, e a menina deseja o pai e sente raiva e ciúmes da mãe por se relacionar com ele.

REFERÊNCIAS

- BRENNER, Charles. **Noções Básicas de Psicanálise: Introdução à Psicologia Psicanalítica**. 3. ed. São Paulo, Imago Editora, 1975.
- CAPPE, Jeanne. **Qualidades e Defeitos das Crianças**. 2. ed. Campinas, SP: Flamboyant, 1963.
- CAVALCANTI, Ana Elizabeth. **A análise infantil e Melanie Klein**. Revista Grandes Ícones do Conhecimento – Psicanálise (KLEIN). São Paulo, Mythos Editora, nº 03. sd.
- COSTA, Terezinha. **Psicanálise com Crianças**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- CUNHA, Marcus Vinícius. Freud: Psicanálise e Educação. **Psicologia da Educação**. p. 1-1. Disponível em: <<http://www.acervo.digital.unesp.br/bitstream/123456789/140/3/01d08t01.pdf>>. Acessado em: 21/09/2014.
- FREUD, Sigmund. **Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XII, p. 233-244.
- QUINODOZ, Jean Michel. **Ler Freud: Guia de leitura da obra de Sigmund Freud**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- SALOMON, Andrew. **Longe da Árvore. Pais, filhos e a busca da identidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

